

## A ÚLTIMA SESSÃO

Raoul Daubreuil atravessou o Sena enquanto trauteava uma canção em voz baixa. Era um jovem engenheiro francês, atraente, de trinta e poucos anos, com um rosto fresco e um pequeno bigode preto. Por fim, chegou à Cardonet e entrou no n.º 17. A porteira olhou-o, do seu cubículo, e deu-lhe uns «bons-dias» rabugentos, aos quais ele respondeu alegremente. Depois, subiu as escadas até ao apartamento do terceiro andar. Enquanto esperava que lhe abrissem a porta, cantarolou mais uma vez a sua música. Raoul Daubreuil sentia-se especialmente alegre nessa manhã. A porta foi aberta por uma mulher francesa de bastante idade, com uma cara enrugada que se desfez em sorrisos ao reconhecer o visitante.

– Bom dia, *monsieur*.

– Bom dia, Elise – disse Raoul.

Entrou para o vestíbulo, tirando, ao mesmo tempo, as luvas.

– *Madame* está à minha espera, não está? – perguntou ele, por cima do ombro.

– Está, sim, *monsieur*.

Elise fechou a porta da entrada e virou-se para ele.

– Se *monsieur* entrar para a saleta, *madame* virá ter consigo dentro de uns minutos. Neste momento, está a descansar.

Raoul olhou para ela, surpreendido.

– Ela não está bem?

– *Bem!*

Elise soltou uma gargalhada. Passou à frente de Raoul e abriu a porta da saleta. Ele entrou primeiro e ela seguiu-o.

– *Bem!* – continuou. – Como pode aquela pobrezinha estar bem? Sessões, sessões e mais sessões! Não está certo, não é natural, não é o que Deus nosso Senhor nos destinou. Para mim, digo-o sem rodeios, é fazer pacto com o Diabo.

Raoul deu-lhe umas pancadinhas encorajadoras nas costas.

– Vá lá, Elise – disse ele suavemente –, não se exalte e não esteja sempre a ver o Diabo em tudo o que não consegue compreender.

Elise abanou a cabeça em sinal de dúvida.

– Está bem – resmungou, para dentro. – *Monsieur* pode dizer o que quiser, que eu não gosto disto. Repare em *madame*, de dia para dia mais magra e mais pálida e com aquelas dores de cabeça!

Juntou as mãos ao alto.

– Ah! Não, isto não é bom, toda esta coisa dos espíritos. Francamente... espíritos! Todos os espíritos bons estão no Paraíso e os outros estão no Purgatório.

– A sua visão da vida depois da morte é extraordinariamente simples, Elise – disse Raoul, deixando-se cair na cadeira.

A velha endireitou-se.

– Eu sou católica praticante, *monsieur*.

Benzeu-se, dirigiu-se para a porta e depois deteve-se, com a mão no puxador.

– Depois de casarem, *monsieur* – pediu –, não vai continuar... tudo isto?

Raoul sorriu-lhe afetuosamente.

– A Elise é uma pessoa dedicada – disse ele – e gosta verdadeiramente da sua patroa. Não tenha medo, quando ela for minha mulher, toda esta «coisa dos espíritos», como lhe chama, vai acabar. Não vai haver mais sessões para *madame Daubreuil*.

A cara de Elise desfez-se em sorrisos.

– É verdade o que está a dizer? – perguntou, ansiosa.

O outro assentiu gravemente.

– Sim – disse, falando mais consigo do que com ela. – Sim, tudo isto tem de acabar. Simone tem um dom maravilhoso e tem feito uso dele sem restrições, mas agora já cumpriu a parte dela. Como muito bem disse, Elise, de dia para dia ela está mais magra e mais pálida. A vida de uma médium é especialmente trabalhosa e cansativa, porque envolve uma enormíssima tensão nervosa. De qualquer modo, Elise, a sua patroa é a melhor médium de Paris, aliás, de França. Pessoas de todas as partes do mundo vêm consultá-la porque sabem que com ela não há truques, nem ela as engana.

Elise fez um ruído de desprezo.

– Enganar! Não, isso não. *Madame* não conseguia enganar nem um recém-nascido, mesmo que quisesse.

– Ela é um anjo – disse o jovem francês com fervor. – E eu vou fazer os possíveis para que ela seja feliz. Acredita em mim?

Elise endireitou-se e falou com simplicidade e dignidade.

– Estou ao serviço de *madame* há muitos anos, *monsieur*. Com todo o respeito, posso dizer que gosto muito dela. Se não acreditasse que a adorava como ela merece ser adorada... *eh bien, monsieur!* Estaria na disposição de o destruir, até ao último pedaço.

Raoul riu-se.

– Bravo, Elise! É uma amiga dedicada e deve estar contente comigo por ter dito que *madame* vai deixar isto dos espíritos<sup>1</sup>.

Esperava que ela reagisse à brincadeira com uma gargalhada, mas, surpreendentemente, ela ficou séria.

– E se se der o caso, *monsieur* – disse ela, hesitante –, de os espíritos não a largarem a *ela*?

Raoul olhou para ela espantado.

– Hem? O que quer dizer com isso?

<sup>1</sup> Jogo de palavras intraduzível com a palavra «*spirits*», que tanto pode significar «espíritos» como «bebidas espirituosas». (*N. do E.*)

– Eu perguntei – repetiu Elise – e se se der o caso de os espíritos não a largarem?

– Pensei que não acreditasse em espíritos, Elise...

– E não acredito – disse Elise, teimosamente. – É um disparate acreditar neles. Mas, mesmo assim...

– Sim...

– É difícil para mim explicar, *monsieur*. É que eu sempre pensei que essas médiuns, como elas se intitulam, não passavam de impostoras que se aproveitavam dos infelizes que tinham perdido os seus entes queridos, compreende? Mas *madame* não é assim. *Madame* é boa. *Madame* é honesta e...

Baixou a voz e falou num tom de respeito.

– *Acontecem coisas*. Não são aldrabices... as coisas acontecem e é disso que eu tenho medo. Porque tenho a certeza disto, *monsieur*, aquilo não está certo. É contra a natureza e contra *le bon Dieu*, e *alguém vai ter de pagar*.

Raoul levantou-se da cadeira e deu-lhe uma palmadinha nas costas.

– Acalme-se, minha querida Elise – disse ele, sorrindo. – Ouça, vou dar-lhe uma boa notícia. Hoje é a última destas sessões; depois da de hoje, não vai haver mais.

– Então hoje há uma? – perguntou ela, desconfiada.

– A última, Elise, a última.

Elise abanou a cabeça desconsoladamente.

– *Madame* não está em condições... – começou.

Mas as suas palavras foram interrompidas, pois a porta abriu-se e uma mulher alta e loira entrou. Era magra e graciosa, com o rosto de uma madona de Botticelli. A cara de Raoul iluminou-se e Elise deixou-os, rápida e discreta.

– Simone!

Ele pegou-lhe nas mãos brancas e compridas e, pondo-as entre as suas, beijou-as alternadamente. Ela murmurou o seu nome com doçura.

– Raoul, meu querido.

Ele mais uma vez lhe beijou as mãos e depois concentrou-se na sua face.

– Simone, estás tão pálida! A Elise disse-me que estavas a descansar; não estás doente, pois não, meu amor?

– Não, doente não... – hesitou.

Ele levou-a para o sofá e sentou-se ao pé dela.

– Então diz-me o que é.

A médium fez um leve sorriso.

– Vais pensar que sou tola – murmurou.

– Eu? Pensar que és tola? Nunca!

Simone soltou a mão das dele. Ficou imóvel durante uns momentos, olhando para baixo, para o tapete. Falou, então, em voz baixa e apressada.

– Tenho medo, Raoul.

Ele esperou algum tempo, pensando que ela ia continuar, mas, como isso não aconteceu, disse-lhe, encorajando-a:

– Sim, medo de quê?

– Apenas medo, só isso.

– Mas...

Olhou para ela, perplexo, e ela respondeu rapidamente ao seu olhar.

– Sim, é absurdo, não é? Mas é mesmo o que eu sinto. Medo, nada mais. Não sei de quê nem porquê, mas estou o tempo todo obcecada com a ideia de que algo terrível, terrível, me vai acontecer...

Olhava para a frente, imóvel. Raoul abraçou-a ternamente pela cintura.

– Minha querida – disse ele –, vamos, não te podes deixar ir abaixo. Eu sei o que isso é, a tensão, Simone, a tensão da vida de uma médium. Só precisas de descansar... descansar e estar sossegada.

Ela olhou para ele com gratidão.

– Sim, Raoul, tens razão. É disso que eu preciso, de descansar e de estar sossegada.

Fechou os olhos e apoiou-se um pouco no braço dele.

– E de felicidade – sussurrou-lhe Raoul ao ouvido.

O seu abraço apertou-a mais. Simone, ainda de olhos fechados, suspirou profundamente.

– Sim – murmurou –, sim. Com os teus braços à minha volta, sinto-me em segurança. Esqueço-me da minha vida, da vida terrível de uma médium. Tu estás dentro do assunto, Raoul, mas, mesmo tu não calculas o que isso significa.

Ele sentiu que o corpo de Simone se tornava tenso. Os seus olhos abriram-se de novo, olhando em frente, para o vazio.

– Sentamo-nos no gabinete às escuras, à espera, e a escuridão é terrível, Raoul, porque é a escuridão do vazio, do nada. Desistimos do nosso ser e ficamos perdidos. A seguir, não sabemos nada, não sentimos nada, mas, por fim, lá vem o retorno, lento e doloroso, o acordar do sono, mas cansados, tão horrorosamente cansados!

– Eu sei – murmurou Raoul –, eu sei.

– Tão cansada – murmurou novamente Simone.

Todo o seu corpo parecia acabrunhar-se enquanto repetia as palavras.

– Mas tu és maravilhosa, Simone.

Ele pegou-lhe na mão, tentando contagiá-la com o seu entusiasmo.

– Tu és única, a maior médium que o mundo conheceu.

Ela abanou a cabeça, sorrindo um pouco perante esta ideia.

– Sim, sim – insistiu Raoul.

Tirou duas cartas do bolso.

– Vê isto, do professor Roche, de Salpêtrière, e isto do Dr. Genir, de Nancy, os dois a implorarem que continues a fazer sessões ocasionalmente para eles.

– Não! Isso não!

Simone pôs-se a pé.

– Não faças mais, não vou fazer mais. Isto vai acabar... de todo. Tu prometeste-me, Raoul.

Raoul olhou para ela, atónito, enquanto ela agitava as mãos, de pé, olhando-o quase como uma criatura em apuros. Ele levantou-se e pegou-lhe na mão.

– Sim, sim – disse –, claro que acabou, isso está decidido. Mas tenho tanto orgulho em ti, Simone! Por isso falei nessas cartas.

Ela atirou-lhe um olhar rápido de soslaio, desconfiada.

– Não foi por queres que eu faça mais sessões?

– Não, não – disse Raoul –, a menos que tu, por acaso, queiras fazê-lo, de vez em quando, para esses amigos de longa data...

Mas ela interrompeu-o, falando num tom exaltado.

– Não, não, nunca mais. Existe um perigo. Garanto-te, porque sinto que há grande perigo.

Pressionou a testa com as mãos durante um minuto e depois dirigiu-se à janela, do outro lado da sala.

– Promete-me que nunca mais – disse, por cima do ombro.

Raoul seguiu-a e pôs-lhe os braços à volta dos ombros.

– Meu amor – disse ternamente –, prometo que de hoje em diante não voltas a fazer sessões.

Sentiu-a estremecer.

– Hoje – murmurou. – Ah! Sim, hoje, tinha-me esquecido de madame Exe.

Raoul consultou o relógio.

– Ela deve estar a chegar a qualquer momento; mas talvez, Simone, se não te sentes bem...

Simone parecia não estar a ouvi-lo; estava a seguir o curso dos seus pensamentos.

– Ela é... uma mulher estranha, Raoul, uma mulher muito estranha. Sabes que eu... eu tenho-lhe quase horror.

– Simone!

Havia uma censura na sua voz e ela detetou-a de imediato.

– Sim, sim, já sei, tu és como todos os franceses, Raoul. Para ti, uma mãe é sagrada e é feio da minha parte sentir isto em relação a ela quando ela tem um desgosto tão grande pela morte da filha. Mas... não consigo explicar, ela é tão grande e tão escura, e as mãos...

já alguma vez reparaste nas mãos, Raoul? Mãos enormes e fortes como as de um homem. Ah!

Estremeceu e fechou os olhos. Raoul retirou o braço e falou-lhe quase com frieza.

– Francamente, não te percebo, Simone. De certeza que tu, como mulher, devias sentir pena, e mais nada, de outra mulher, privada da sua única filha.

Simone fez um gesto de impaciência.

– Ah! És tu que não estás a entender, meu amigo! Não conseguimos evitar estas coisas. Logo que a vi, senti...

Estendeu os braços.

– Medo! Lembras-te que demorei muito tempo a aceitar fazer sessões para ela? Tinha a certeza de que ela, de alguma maneira, me iria trazer infelicidade.

Raoul encolheu os ombros.

– No entanto, na realidade, trouxe-te exatamente o contrário – disse ele secamente. – Todas as sessões foram um sucesso. O espírito de Amelie, da criança, tomou conta de ti de imediato e as materializações foram impressionantes. O professor Roche devia ter estado presente na última.

– Materializações – disse Simone em voz baixa. – Diz-me, Raoul... como sabes, eu não me lembro de nada do que se passa quando estou em transe... as materializações são assim tão fantásticas?

Ele assentiu, com entusiasmo.

– Nas primeiras sessões, poucas, via-se a figura da criança numa espécie de névoa – explicou – mas, na última sessão...

– Sim...

Ele falou devagar.

– Simone, a criança que ali estava era uma criança real, de carne e osso.

«Até lhe toquei! Mas, ao ver que tocar-lhe te fazia sentir muitas dores, não deixei que madame Exe fizesse o mesmo. Tive medo de que se descontrolasse e que daí resultasse algum mal para ti.»

Simone tornou a virar-se para a janela.



– Estava horrivelmente cansada quando acordei – murmurou.  
– Raoul, tens a certeza, tens mesmo a certeza de que isto é *correto*? Sabes o que a minha querida Elise acha... que eu estou a fazer um pacto com o Diabo?

Riu-se, um pouco a medo.

– Sabes o que eu acho – disse Raoul gravemente. – Quando se lida com o desconhecido, tem de haver sempre risco, mas a causa é nobre porque é a causa da ciência. Por todo o mundo existiram mártires da ciência, pioneiros que pagaram o seu preço para que outros lhes seguissem as pisadas em segurança. Há já dez anos que trabalhas para a ciência; por isso, vives numa tensão nervosa terrível. Agora, está completo o teu papel, de hoje em diante, estarás livre para ser feliz.

Ela sorriu-lhe ternamente, já muito mais calma. Depois, deu uma olhadela ao relógio de parede.

– Madame Exe está atrasada – murmurou. – Pode ser que não venha.

– Acho que vem – disse Raoul. – Aquele relógio está ligeiramente adiantado, Simone.

Simone entretinha-se a arranjar a sala, mudando alguns objetos de sítio.

– Pergunto a mim mesma quem será ela, esta madame Exe – observou. – De onde vem, quem é a família... É estranho não sabermos nada acerca dela.

Raoul encolheu os ombros.

– Muita gente gosta de passar incógnita quando consulta uma médium – observou. – É uma precaução vulgar.

– Sim, suponho que sim – concordou Simone sem entusiasmo.

Uma pequena jarra de porcelana que tinha nas mãos caiu e partiu-se nos ladrilhos da lareira. Ela virou-se imediatamente para Raoul.

– Estás a ver? – murmurou. – Eu não estou em mim. Raoul, ias achar-me muito... muito covarde se eu dissesse a madame Exe que hoje não podia fazer a sessão?

O olhar dele, um misto de desgosto e surpresa, fê-la corar.

– Tu prometeste, Simone... – começou ele docemente.

Ela encostou-se à parede.

– Não faço, Raoul. Não faço.

E novamente aquele olhar dele, de uma censura terna, fê-la estremecer.

– Não é no dinheiro que eu estou a pensar, Simone, embora devas perceber que o dinheiro que esta mulher te ofereceu pela última sessão é uma quantia incrível, simplesmente incrível.

Ela interrompeu-o, desafiadora.

– Há coisas mais importantes que o dinheiro.

– Claro que há – concordou ele calorosamente. – É exatamente o que eu estou a dizer. Pensa bem: esta mulher é mãe, uma mãe que perdeu a sua única filha. Se não estás mesmo doente, se é só um capricho da tua parte, podes negar uma extravagância a uma mulher rica, mas poderás negar a uma mãe que veja, pela última, vez a filha?

A médium estendeu os braços, desesperada.

– Oh! Estás a torturar-me – murmurou. – Mas tens razão. Vou fazer o que tu queres, embora já saiba o que me mete medo: é a palavra «mãe».

– Simone!

– Há certas forças elementares primitivas, Raoul. Muitas delas foram destruídas pela civilização, mas a da maternidade continua no ponto em que estava no início. Os animais... os seres humanos continuam iguais. O amor de uma mãe por um filho não se compara a nada no mundo. Não conhece leis nem piedade, desafia todas as coisas e esmaga sem remorsos tudo o que estiver no caminho.

Parou, sem fôlego, e depois virou-se para ele com um sorriso rápido e irresistível.

– Hoje estou meio aparvalhada, Raoul. Eu sei que estou.

Ele pegou-lhe na mão.

– Deita-te um bocadinho – aconselhou Raoul. – Descansa até ela chegar.

– Está bem. – Sorriu e saiu da sala.

Raoul ficou por uns instantes perdido nos seus pensamentos. Depois, dirigiu-se a passos largos para a porta, abriu-a e atravessou o pequeno vestíbulo. Entrou numa sala do lado oposto, uma sala de estar bastante semelhante àquela em que tinha estado, mas com um recanto onde havia uma grande cadeira de braços. Pesadas cortinas de veludo negro estavam arranjadas para separarem o recanto do resto. Elise andava a arranjar a sala, atarefada. Junto ao recanto, tinha colocado duas cadeiras e uma mesinha redonda. Sobre a mesa, estava uma pandeireta, uma corneta, papel e lápis.

– A última vez – murmurou Elise, com uma satisfação sombria. – Ah, *monsieur*, quem me dera que estivesse já tudo acabado!

O trinado estridente de uma campainha elétrica soou.

– Cá está ela, aquele mulherão – continuou a velha criada. – Porque não pode ela ir rezar pela alma da pequenita numa igreja e acender uma vela à Nossa Senhora, como deve ser? Deus, que é tão bom, não saberá o que é melhor para nós?

– Vá abrir a porta, Elise – disse Raoul, perentório.

Ela olhou-o de soslaio, mas obedeceu. Daí a momentos, voltou com a visita.

– Vou dizer à senhora que está aqui, *madame*.

Raoul aproximou-se para apertar a mão a madame Exe. As palavras de Simone acorreram-lhe à memória.

«Tão grande e tão escura.»

*Era*, de facto, uma mulher corpulenta e o preto do luto pesado, à francesa, parecia quase exagerado naquele caso. A sua voz, ao falar, era muito profunda.

– Estou um pouco atrasada, *monsieur*.

– Só ligeiramente – disse Raoul, sorrindo. – Madame Simone está deitada. Infelizmente, não se sente nada bem, está exausta e muito nervosa.

A mão, que ela estava nesse momento a retirar da dele, apertou-o, de repente, com toda a força.

– Mas ela faz a sessão? – perguntou, ansiosa.

– Sim, vai fazer, *madame*.

Madame Exe suspirou de alívio e deixou-se cair numa cadeira, desapertando um dos pesados véus negros que adejavam à sua volta.

– Ah! *Monsieur!* – murmurou. – Não pode imaginar, não faz a mínima ideia da maravilha e da alegria que são, para mim, estas sessões! A minha pequenina! A minha Amelie! Vê-la, ouvi-la e mesmo... talvez... sim, talvez conseguir... estender a mão e tocar-lhe.

Raoul foi rápido e incisivo.

– Madame Exe... como lhe hei de explicar?... em caso algum deve fazer algo que não esteja de acordo com as minhas instruções exatas. Caso contrário, há um enorme perigo.

– Perigo para mim?

– Não, *madame* – disse Raoul. – Para a médium. Tem de perceber que os fenómenos que acontecem são explicados pela ciência de uma certa maneira. Vou expor o assunto de forma simples, sem utilizar termos técnicos. Um espírito, para se manifestar, tem de usar a própria substância física da médium. Viu o vapor de fluido a sair dos lábios da médium. Este acaba por se condensar e tomar a forma semelhante ao corpo físico do espírito do morto. Mas acreditamos que este ectoplasma é a própria substância da médium. Esperamos conseguir prová-lo um dia através de pesagens e de testes, mas a grande dificuldade é o perigo e a dor que atinge a médium quando há qualquer manuseamento dos fenómenos. Se, por acaso, alguém se apoderasse da materialização sem os devidos cuidados, poderia ocorrer a morte da médium.

Madame Exe tinha estado a ouvi-lo com toda a atenção.

– Isso é muito interessante, *monsieur*. Diga-me, não haverá uma altura em que a materialização terá avançado tanto que será capaz de se desligar do seu progenitor, o médium?

– Essa é uma especulação fantástica, *madame*.

Ela insistiu.

– Mas, com base nos factos, não impossível?

– Completamente impossível, hoje em dia.

– Mas talvez no futuro?

Foi salvo de ter de responder pela entrada de Simone. Parecia cansada e pálida, mas tinha, nitidamente, recuperado o autocontrole. Avançou e apertou a mão a madame Exe, embora Raoul tivesse notado que estremeceu um pouco ao fazê-lo.

– Lamento, *madame*, saber que está indisposta – disse madame Exe.

– Não é nada grave – disse Simone um tanto bruscamente. – Vamos começar?

Dirigiu-se ao recanto e sentou-se na cadeira de braços. De repente, Raoul sentiu uma onda de medo invadi-lo.

– Tu não estás suficientemente forte – exclamou. – É melhor cancelarmos a sessão. Madame Exe há de compreender.

– *Monsieur!*

Madame Exe levantou-se, indignada.

– Sim, sim, é melhor não fazermos, tenho a certeza.

– Madame Simone prometeu-me uma última sessão.

– É verdade – disse Simone calmamente. – E estou preparada para cumprir a minha promessa.

– É conveniente que o faça, *madame* – disse a outra mulher.

– Eu não falto à minha palavra – disse Simone com frieza. – Não te preocupes, Raoul – acrescentou suavemente. – Afinal, esta é a última vez, a última vez, graças a Deus.

Obedecendo a um sinal seu, Raoul correu as cortinas que separavam a sala do recanto. Também fechou os reposteiros da janela para que a sala ficasse numa semiobscuridade. Indicou uma das cadeiras a madame Exe e ia sentar-se na outra. Madame Exe, no entanto, estava hesitante.

– Vai desculpar-me, *monsieur*, mas... como sabe, eu acredito completamente na sua integridade e na de madame Simone. Mesmo assim, para que o meu testemunho seja mais credível, tomei a liberdade de trazer isto comigo.

Tirou da carteira um pedaço de corda fina.

– *Madame!* – gritou Raoul. – Isto é um insulto!

– Uma precaução.

– Repito, isto é um insulto.

– Não entendo a sua objeção, *monsieur* – disse madame Exe friamente. – Se não há nenhum truque, não tem nada a temer.

Raoul riu-se com desdém.

– Posso assegurar-lhe de que não tenho nada a temer, *madame*. Pode atar-me os pés e as mãos, se quiser.

O seu discurso não produziu o efeito que ele desejava, já que madame Exe se limitou a murmurar, sem qualquer emoção:

– Obrigada, *monsieur* – e avançou para ele com o rolo de corda.

De repente, Simone, de trás da cortina, deu um grito.

– Não, não, Raoul, não a deixes fazer isso!

Madame Exe riu-se ironicamente.

– *Madame* está com medo – observou com sarcasmo.

– Sim, estou com medo.

– Lembra-te do que estás a dizer, Simone – gritou Raoul. – Madame Exe está, aparentemente, com a impressão de que somos uns charlatães.

– Tenho de me certificar – disse madame Exe.

Desempenhou a sua tarefa metodicamente, prendendo Raoul com força à cadeira.

– Dou-lhe os parabéns pelos seus nós, *madame* – observou ele, irónico, quando ela acabou. – E agora, está satisfeita?

Madame Exe não respondeu. Pôs-se a andar em volta da sala, examinando os painéis da parede de perto. Depois, fechou à chave a porta que dava para a entrada, trouxe a chave e voltou para a cadeira.

– Agora – disse, numa voz indescritível –, estou pronta.

Passaram dez minutos. De trás da cortina, o som da respiração de Simone tornou-se mais pesado e ruidoso. Depois desapareceu completamente e deu lugar a uma série de gemidos. Depois, por um curto espaço de tempo, fez-se silêncio novamente, quebrado pelo repentino som da pandeireta. A corneta foi arrebatada da mesa e atirada ao chão. Ouviu-se um riso irónico. As cortinas do recanto pareciam ter sido ligeiramente puxadas para trás, vislumbrando-se, através da abertura, a figura da médium, com a cabeça

descaída sobre o peito. De repente, madame Exe susteve um grito. Uma espécie de fita, constituída por uma névoa, saía da boca da médium. À medida que se condensava, ia assumindo cada vez mais uma forma, a forma de uma criança pequena.

– Amelie! Minha pequenina!

O sussurro rouco vinha de madame Exe. A figura indistinta condensou-se ainda mais. Raoul olhava, quase com incredulidade. Nunca tinha havido uma materialização mais bem-sucedida. Sim, certamente era uma criança real, uma criança mesmo de carne e osso que ali estava.

– *Maman!*

A vozinha suave e infantil falou.

– Minha filha! – gritou madame Exe. – Minha filha!

Quase se levantou do lugar.

– Cuidado, *madame!* – gritou Raoul, a avisá-la.

A materialização veio, hesitante, através das cortinas. Era uma criança. Ficou parada, com os braços estendidos.

– *Maman!*

– Ah! – gritou madame Exe.

De novo, quase se levantou do lugar.

– Madame! – berrou Raoul, alarmado. – A médium...

– Tenho de lhe tocar – gritou madame Exe com voz rouca.

Deu um passo em frente.

– Por amor de Deus, *madame*, controle-se! – gritou Raoul.

Estava agora verdadeiramente alarmado.

– Sente-se imediatamente!

– A minha pequenina! Tenho de lhe tocar!

– *Madame*, ordeno-lhe que se sente!

Lutava desesperadamente para se desamarrar, mas madame Exe tinha feito bem o seu trabalho: ele não tinha possibilidades de se libertar. Uma sensação de impotência perante uma catástrofe iminente invadiu-o.

– Por amor de Deus, *madame*, sente-se! – gritou. – Lembre-se da médium!

A mulher não lhe prestou atenção. Estava transformada. Uma enorme alegria espelhava-se no seu rosto. Estendeu a mão e tocou na pequena figura que estava de pé entre as cortinas. A médium soltou um grito terrível.

Madame Exe virou-se para ele com um riso rouco.

– Que me interessa a mim a sua médium? – gritou ela. – Quero a minha filha!

– Está louca!

– A minha filha, digo-lhe. Minha! A minha própria carne e o meu sangue! A minha pequenina que veio dos mortos, viva e a respirar!

Raoul abriu a boca, mas não conseguiu dizer uma palavra. Era terrível, esta mulher! Sem escrúpulos, selvagem, obcecada pela própria paixão. Os lábios da criança, ainda bebê, entreabriram-se e, pela terceira vez, a palavra ecoou:

– *Maman!*

– Anda, então, minha pequenina! – gritou madame Exe.

Com um gesto rápido, pegou na criança ao colo. De trás das cortinas, ouviu-se um grito prolongado de verdadeira aflição.

– Simone! – gritou Raoul. – Simone! – Teve a consciência vaga de madame Exe a passar à sua frente a correr, da porta a abrir-se, dos passos que se afastavam pelas escadas abaixo.

Do lado de lá das cortinas continuava a ouvir-se o horrível grito, agudo e interminável, um grito como Raoul nunca tinha ouvido. Extinguiu-se com um horroroso som de gorgolejo. Depois, o barulho de um corpo a tombar...

Raoul esforçava-se como louco para se libertar das amarras. No seu frenesi, conseguiu o impossível, rompendo a corda apenas com a sua força. Quando se conseguiu pôr de pé, Elise entrou a correr e a gritar «*Madame!*»

– Simone! – gritou Raoul.

Avançaram juntos e puxaram a cortina.

Raoul cambaleou para trás.

– Meu Deus! – murmurou. – Vermelho... tudo vermelho...



A voz de Elise veio do seu lado, trémula e acusadora.

– Portanto, *madame* está morta. Acabou. Mas diga-me, *monsieur*, o que aconteceu. *Porque está ela toda encolhida, porque tem metade do tamanho habitual? O que se passou aqui?*

– Não sei – disse Raoul.

A sua voz transformou-se num grito.

– Não sei! Não sei! Mas acho que... estou a ficar louco...  
Simone! Simone!